

TÍTULO

A Escola é uma Esperança
Sugestões para Famílias de Etnia Cigana

EDITOR

Secretariado Entreculturas
Travessa das Terras de Sant'Ana, n.º 15 — 1.º
1250-269 Lisboa

COORDENAÇÃO

Maria Camila Cardoso Ferreira

AUTORA

Maria Helena Noronha

COLABORADORES

André Costa Jorge
Victor Guilherme Santos

CONSULTORES

AMUCIP — Associação das Mulheres Ciganas de Portugal:
Olga Mariano, Anabela Carvalho, Noel Gouveia, Sónia Matos e Alzinda Carmelo
Bruno Gonçalves
Mirna Montenegro
Professoras da E.B. 1 n.º 5 de Castelo Branco

CONCEPÇÃO GRÁFICA E ILUSTRAÇÃO*

Cecília Guimarães

REVISÃO

Paulo França

DATA DA EDIÇÃO

Janeiro de 2003

TIRAGEM

4000 exemplares

IMPRESSÃO

Colprinter, Lda.

ISBN

972-8339-33-X

DEPÓSITO LEGAL

196405/03

* As fotografias inseridas nesta brochura foram gentilmente cedidas pela AMUCIP — Associação das Mulheres Ciganas de Portugal, Bruno Gonçalves, André Costa Jorge e Carlos Silva.

A Escola é uma Esperança

Sugestões para Famílias de Etnia Cigana

Maria Helena Noronha

Ilustrações
Cecília Guimarães



Secretariado Entreculturas
Presidência do Conselho de Ministros
Ministério da Educação





ÍNDICE

Um livrinho para todos os pais,
mas em especial para as famílias de etnia cigana 7

Introdução 9

O seu filho vai para a escola 11

Sugestões gerais 13

Fale com a criança 13

Faça o que estiver ao seu alcance
para que a criança goste de si própria 13

Faça planos para a vida do seu filho e ajude-o
a fazer projectos 14

Dê a conhecer à criança, desde muito cedo, a sua situação
de cidadão português de etnia cigana 17

Mostre à criança o que existe fora do seu bairro 20

Como preparar a ida da criança para a escola 23

Preparando-se a si próprio 23

Reflectindo sobre o que é a escola para si 24

A sua responsabilidade e a da escola perante a criança 26

Fazendo a matrícula 29

Recolhendo informações sobre a escola 30

Preparando o seu filho 32



O primeiro dia de aula	35
Como é a escola que o seu filho vai encontrar	37
A comunidade educativa	37
Alunos	37
Professores	40
Auxiliares de acção educativa	42
Outros técnicos	42
Pais	44
A comunidade que está à volta da escola	46
As regras da escola	47
Horários	47
Faltas	48
A disciplina na sala de aula	49
O que se passa então na sala de aula?	49
O que se aprende no 1.º ciclo	51
O estudo em casa	54
Avaliação	55
Ajudas especiais	56
Contacto com os pais	57
O atendimento aos pais e encarregados de educação	57
Reuniões de pais e encarregados de educação	58
Associações de pais e encarregados de educação	62
Conclusão	63



UM LIVRINHO PARA TODOS OS PAIS, Mas em Especial para as Famílias de Etnia Cigana

A etnia cigana, presente na sociedade portuguesa há mais de quinhentos anos, vive um dos momentos mais decisivos da sua história recente. Povo tradicionalmente nómada, com a sua economia baseada essencialmente em actividades comerciais exercidas em feiras, sente reduzir a esfera da sua acção pelo encerramento ou perda de importância dessas mesmas feiras. Também a influência dos meios de comunicação social, sobretudo da TV, aumenta dia-a-dia, sobretudo junto das camadas mais jovens.

Estes factores promovem a fixação das famílias ciganas e o contacto diário com estilos de vida e sistemas de valores muito diferentes dos que caracterizam a sua cultura. Transformações essas a que se associam as exigências legais para o usufruto de alguns benefícios sociais e que levam a que muitos pais, vencendo antigas resistências, se sintam obrigados a não só matricular os seus filhos em jardins de infância e escolas, como a nelas os manter até ao fim da escolaridade obrigatória.

Novas e mais intensas relações assim se estabelecem entre os pais ciganos e os estabelecimentos de ensino. É necessário, no entanto, para que este relacionamento resulte positivo que, por um lado, não se perca a identidade e a originalidade da cultura cigana e se promova a sua integração no fundo cultural comum e, por outro, se vençam preconceitos e rotinas dos pais ciganos em relação às escolas e destas em relação à população cigana.

Este pequeno livro não pretende ser mais que uma ajuda para ultrapassar esses preconceitos e rotinas. Possa ele ser útil às famílias ciganas e aos professores, educadores e demais intervenientes no processo educativo.



Quando há semanas atrás estas linhas foram escritas, não queríamos pensar que esta nossa edição seria porventura também uma homenagem dolorosa à sua principal autora, a querida Dr.^a Maria Helena de Noronha. Há muito que ela estava gravemente doente, mas a sua coragem e perseverança, o seu espírito de iniciativa deram-lhe forças para levar por diante mais este precioso contributo, para a causa intercultural a que se entregava entre nós há dez anos. A doença acabou por vencer e a Maria Helena deixou-nos. Partiu, é certo, mas continua bem presente nas salas do Entreculturas, em muitas das nossas publicações e, sobretudo, bem vivos estão em nossos corações a saudade e o seu exemplo. E os que acreditam que a imortalidade pessoal não é simples metáfora consoladora sabem que ela continuará a acompanhar o nosso trabalho e a ajudar-nos a vencer todas as dificuldades e impasses que, porventura, se levantem à nossa acção a favor de um modo intercultural de abordar os problemas de uma sociedade cada vez mais étnica e culturalmente plural.

Miguel Ponces de Carvalho
Presidente



INTRODUÇÃO

Este caderno destina-se às famílias de etnia cigana que vão pôr os filhos na escola pela primeira vez. Reconhecemos que esta decisão é muito difícil e queremos dar-lhes o apoio de que formos capazes.

Até há pouco tempo a escola não era, para algumas famílias, uma coisa boa e importante para a vida dos filhos.

A escola está pensada para preparar as crianças para mais tarde trabalharem. Ora para o trabalho que ocupava grande número de pessoas de etnia cigana, não era muito necessário andar anos na escola. As vossas crianças aprendiam com os familiares o trabalho da venda, aprendiam a vender, a fazer contas, a resolver os problemas que iam surgindo. O tempo passado na escola era, às vezes, visto como tempo perdido. Durante este tempo, a criança aprendia coisas que, na ideia dos pais, não eram importantes e não aprendia aquilo que era preciso para o trabalho que, de certeza, ia fazer.

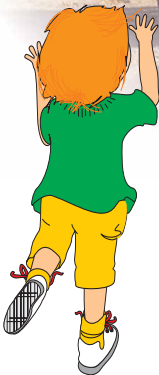
Mas as comunidades ciganas atravessam grandes dificuldades, como sabem melhor do que ninguém. As feiras quase não existem, a venda ambulante rende pouco e as famílias começam a pensar que talvez a sua actividade tenha que sofrer alterações e os filhos se tenham que preparar para isso. Assim, a chegada à escola de meninos de etnia cigana é cada vez em maior número e podemos dizer que a escola, também para eles, começa a ser uma esperança.

Apesar de todas as dificuldades e receios, os seus filhos vão agora para a escola. Isto quer dizer que as famílias reconhecem que aprender o que lá se ensina pode ser uma coisa boa para eles.



É por tudo isto que lhe apresentamos este livrinho, para ler ou para conversar sobre estes assuntos com os professores, com elementos de associações ou com mediadores que por vezes trabalham na escola.

No fundo, todos nós, principalmente as famílias e também a escola, queremos a felicidade dos seus meninos. Que eles se sintam felizes na escola, que se integrem bem e que tenham amigos, que possam aprender com os outros e que possam ensinar aos outros as coisas que sabem, que gostem dos professores, que se sintam respeitados e queridos, que aprendam e tenham sucesso. E que, através das famílias, da escola e de toda a comunidade, eles sejam felizes no futuro.





O SEU FILHO VAI PARA A ESCOLA

Todos os pais, quando mandam o seu filho para a escola, têm algum medo e muitas interrogações.

- “Vai ser bem tratado?”
- “Vai sentir-se bem?”
- “Vai aprender com facilidade?”
- “O professores e os colegas vão gostar dele?”

Além destes receios sentidos por todos os pais que põem os filhos na escola, é natural que os pais e mães ciganos tenham ainda outros.

- “Como vai ser aceite na escola o meu filho que é cigano?”
- “Os professores vão tratá-lo mal”?
- “Vai ser humilhado?”
- “Os colegas vão fazer troça dele?”
- “Vão ensinar-lhe que não ser cigano é que é bom?”
- “Vão afastá-lo dos pais e das suas tradições?”
- “Vai aprender alguma coisa importante para a sua vida?”
- “Como vai ter tempo para acompanhar o pai na venda e aprender com ele?”



- “Como se vai levantar tão cedo?”
- “Vão deixar que eu vá à escola para ver como o meu filho é tratado?”
- “Vai ficar na sala onde estão os irmãos e os primos e outros meninos ciganos?”

Sabemos que não podemos tirar às famílias todas estas preocupações. Mas, porque queremos que o seu filho seja feliz e aprenda na escola, vamos partilhar convosco algumas ideias que talvez vos possam ajudar a compreender melhor o que se vai passar e ficarem, portanto, mais sossegados.

Antes de falarmos concretamente da entrada para a escola, vamos fazer algumas sugestões mais gerais, que talvez vos ajudem a preparar o seu filho para uma vida escolar e pessoal feliz.





SUGESTÕES GERAIS

Fale com a criança

É muito importante para a criança que, desde muito cedo, os pais conversem com ela.

Isto por várias razões:

Em primeiro lugar, porque ela sente desta forma que o pai e a mãe estão presentes e lhe dão atenção. Através das conversas com os pais, ela vai também aprendendo muitas coisas sobre o mundo e a vida. Além disto, seja qual for a língua que se utilize, desde que se fale bem, a criança desenvolve a sua capacidade para falar qualquer língua e exprimir aquilo que pensa e sente.

Por seu lado, os pais vão estando perto da criança desde muito cedo, vão sabendo o que se passa com ela, o que pensa e sente e ficam mais capazes de a acompanhar e de a ajudar.

Embora saibamos que é importante conversar com os filhos, sentimos, às vezes, que temos uma vida tão ocupada que não nos sobra tempo para isso. Mas nos momentos em que estamos em casa, enquanto preparamos ou tomamos as refeições, ao serão, quando as crianças se vão deitar, por exemplo, é sempre possível conversar um bocadinho. E talvez se possa conversar com cada um deles, mais demoradamente, nos dias de folga.

Faça o que estiver ao seu alcance para que a criança goste de si própria

As comunidades ciganas sabem bem que é importante que as pessoas gostem de si próprias. E por isso não humilham as crianças e desenvolvem nelas o orgulho de ser cigano.



No entanto, há pequenas coisas que podemos fazer para aumentar a estima dos filhos por si próprios.

- *Desde pequenino habitue-se a elogiá-lo pelas coisas boas que faz (“já consegues andar”, “já falas muito bem”, “que coisa bonita fizeste”, “portaste-te muito bem”)*
- *Nunca o desvalorize pelo que faz — “és mau”, “és mentiroso”, “nunca hás-de ser capaz de”, mas mostre que não está de acordo com os actos maus que pratica “fizeste uma maldade”, “disseste uma mentira”.*
- *Evite fazer comparações entre irmãos (“o teu irmão porta-se melhor, faz as coisas mais bem feitas”). Nenhum irmão é igual a outro irmão e estas comparações só servem para ele se sentir inferior. Além disso, pode ficar zangado com o irmão ou ter ciúmes dele.*
- *Faça o possível para que ele se apresente sempre “bonito”. É importante que o seu filho se sinta bem ao pé dos outros.*

Faça planos para a vida do seu filho e ajude-o a fazer projectos

Todos nós desejamos para os nossos filhos uma vida melhor que a nossa. Mas, por vezes temos dificuldade em fazer planos concretos para que tal aconteça.

Com as comunidades ciganas, como sabem, a dificuldade é maior. Durante muito tempo os planos de vida estavam já definidos. Os rapazes seguiam a profissão dos pais e as raparigas iriam ter uma vida semelhante à das suas mães. Para chegar lá, só era preciso seguir os passos que avós e netos tinham percorrido nas suas vidas. Uma vida melhor para os filhos seria alargar o negócio e ter mais dinheiro. Assim, era importante treinar bem o jovem no negócio, desenvolver a sua capacidade de iniciativa, dar-lhe liberdade para progredir.



Como todos sabemos a vida mudou. É hoje muito mais difícil e incerta para todos. A actividade profissional está a diminuir. Muitas famílias ciganas põem em dúvida que os seus filhos venham a ser negociantes da maneira como elas foram. Qual é então o caminho? São as comunidades ciganas que têm que o descobrir, e são sobretudo aqueles meninos pequenos, que vão agora para a escola e que terão mais tarde que planear a sua vida.

Assim, é também preciso que as famílias vão habituando as suas crianças a fazer planos. A escola e as famílias terão que ser parceiras no trabalho de descobrir como vai ser o futuro, que já não é qualquer coisa que se conhece e que nos vem parar às mãos, mas qualquer coisa que irá ter que se construir. É através de pequenos planos que a criança se vai treinando nesta maneira de viver a vida.

Fazer planos é primeiro saber para onde queremos ir. Depois, encontrar a forma de lá chegar, usando os meios que estão ao nosso alcance.





Onde é que todos os pais querem chegar? É evidente que querem ajudar a construir a felicidade dos seus filhos. E como é que os nossos filhos, ciganos e não-ciganos, podem ser felizes?

- Tendo um trabalho que lhes permita viver bem e honestamente;
- Sendo respeitados na sociedade em que vivem;
- Continuando a estar dentro duma família que seja respeitada;
- Vivendo em harmonia com todos os que estão à sua volta;
- Participando na sociedade a que pertencem por direito;
- Tendo descendentes que respeitem as origens e se desenvolvam convivendo com todos.

É evidente que esta é a nossa maneira de ver a questão. Possivelmente têm ideias diferentes e têm todo o direito de ver as coisas de outra maneira. No entanto, talvez seja bom reflectir sobre isso, discuti-lo com a família e com os amigos, de forma a encontrar aquilo que se quer atingir e o caminho para lá chegar.

É possível que, neste caminho, a escola apareça como uma coisa importante para os seus filhos. E se reconhecer que é realmente importante, então parece útil encontrar a maneira de os ajudar a integrar-se na escola.

Seja como for, para hoje e para a sociedade em que o seu filho vai viver, é importante que ele se habitue a fazer planos.

Assim:

- *Fale com a criança sobre o futuro (o que é que ela quer ser quando for grande, por exemplo) e vá-lhe dizendo o que é preciso fazer para lá chegar.*



- Não “mate” os sonhos do seu filho, nem lhe diga “isso nunca vais conseguir”. Lembre-se que o seu filho tem direito ao seu futuro e que este vai ser certamente diferente do que foi o seu.
- Faça projectos com ele para agora e para daqui a algum tempo (por exemplo, um passeio no fim de semana, o Natal que ainda é daqui a uns meses) e vá-lhe dizendo o que é preciso fazer para preparar estes acontecimentos. Desta forma, ele vai compreendendo que nada cai do céu e que somos nós que construímos o que há-de vir.

Dê a conhecer à criança, desde muito cedo, a sua situação de cidadão português de etnia cigana

Desde que nasceu, o seu filho (ou filha) vive numa família cigana, aprende a gostar da sua comunidade, dos seus costumes, das suas tradições. Aprendeu, portanto, com esta comunidade, o orgulho de ser cigano. Isto é muito bom para o seu desenvolvimento. Sabe as suas origens, aceita-as, sente-se seguro, visto que pertence a um grupo unido que, se ele cumprir as regras que este grupo impõe, nunca o irá abandonar.





Neste aspecto é diferente de alguns companheiros que vai encontrar na escola. Muitas crianças portuguesas não-ciganas, por exemplo, só podem contar com os pais e às vezes só com um dos pais. Muitas crianças africanas não conhecem as suas origens e estão dentro duma sociedade em que não se sentem aceites.

O seus ciganitos, meninos e meninas, não são folhas jogadas ao vento. Estão presos a uma grande árvore e sabem que nunca se irão sentir desamparados.

Mas os seus filhos e filhas não são só de etnia cigana. São cidadãos portugueses com todos os direitos e deveres que lhes são dados, são, também, cidadãos europeus e cidadãos do mundo.

Desde que começou a sua caminhada, o Povo Cigano foi passando de país para país, de terra em terra sem se prender a um lugar. Era um povo sem terra; era um povo que estava em todas as terras sem pertencer a nenhuma.

A pouco e pouco, o Povo Cigano foi-se fixando em diferentes países. Dentro desses países circulava de feira em feira sem se ligar a um local, porque o negócio não permitia, ou porque as populações locais não queriam.

Também os seus direitos de cidadãos nacionais não eram muitas vezes respeitados pelas autoridades e pelos não-ciganos. E como viviam muito isolados, nem sequer conheciam esses direitos e não podiam, portanto, lutar por eles.

Assim, talvez não seja muito forte, para alguns, a consciência de que é importante ser cidadão português.

No entanto, neste momento, é urgente que esta consciência se desenvolva. Os ciganos portugueses estão em Portugal e aqui vão continuar. Por razões de sobrevivência, têm que estar cada vez mais perto dos não-ciganos. Para que vivam numa situação justa, para que



os outros reconheçam os seus direitos, têm eles próprios que tomar consciência desses direitos. E é importante que conheçam a História deste país, o que se passou ao longo dos tempos e o que se está a passar agora. O cigano não é um estrangeiro que vive num país que não é seu. O cigano português não tem outro país. Foi aqui que os seus antepassados viveram, é aqui que vão viver os seus filhos.

Por isso, é necessário que as suas crianças, desde cedo, vão ganhando e desenvolvendo a ideia de que são cidadãos portugueses de etnia cigana.

Mas, para os pais as ajudarem nesta tarefa, é necessário que eles também se sintam cidadãos portugueses, com os mesmos direitos e deveres que os outros e estejam dispostos a cumprir os seus deveres e a lutar pelos seus direitos. Será que realmente se sente assim?





Então:

- *Desde cedo diga ao seu filho que é português. Que no mundo há muitos países que têm os seus naturais, e que ele, que nasceu em Portugal de avós e pais portugueses, tem os direitos que têm os outros meninos aqui nascidos.*
- *Mostre-lhe a bandeira portuguesa e diga-lhe que todos as pessoas têm a sua bandeira e que a sua é aquela. Pode mostrar-lhe, também se quiser, a bandeira cigana e dizer que ele é português cigano.*
- *Nos feriados nacionais diga-lhe porque é que é feriado.*
- *Mostre-lhe a cédula ou o bilhete de identidade e diga-lhe que, com aquele papel, pode demonstrar que é português.*

Ter uma nacionalidade é não estar perdido e é sobretudo ter os mesmos direitos e os mesmos deveres que os outros. Se os ciganos não lutarem por isto, quem há-de lutar?

Mostre à criança o que existe fora do seu bairro

Ao longo do tempo o Povo Cigano viveu num mundo fechado. Para se sentir em segurança precisava de estar com pessoas iguais a si. Por outro lado, os que não eram ciganos pouco ou nada faziam para se aproximar. Antes pelo contrário, muitas vezes evitavam estar perto. É este o drama de todos nós, ciganos e não-ciganos, viver como se o destino tivesse separado estes dois grupos para sempre, desejar por vezes estar perto e não saber como.

Talvez as crianças consigam com maior facilidade aquilo que custa tanto aos adultos. Vemos nas escolas meninos de etnia cigana ao lado de africanos, de portugueses não-ciganos, serem amigos de todos e viverem em harmonia.

Estamos a pensar numa dessas meninas, aluna duma escola que dizia esta coisa tão simples e tão bonita: "Dantes os meninos da



escola não gostavam de mim porque não me conheciam; hoje já gostam porque me conhecem”.

Mas, este caminho de aproximação será mais fácil para os seus filhos se os for preparando.

Ajude-os, portanto, a sair do mundo fechado em que os seus antepassados viveram.

- *Faça o possível por passear com eles por sítios diferentes: andar de autocarro, de comboio, de metro, de barco, ver campos, ver praias, entrar em centros comerciais, em museus, ver espectáculos...*
- *Nestes passeios mostre-lhes as famílias que vão encontrando, os meninos da sua idade, brancos e negros e vá-lhes dizendo que são diferentes deles, mas todos são crianças e podem ser amigos.*
- *Se no seu local de residência moram pessoas não-ciganas, faça o possível, sem forçar, para que os seus filhos estabeleçam ligações com eles.*







COMO PREPARAR A IDA DA CRIANÇA PARA A ESCOLA

Preparando-se a si próprio

A sua preparação para a ida do seu filho à escola começa logo de pequenino. Trata-se dum caminho em que se vai pensando sobre aquilo que convém mais à criança e como fazer para a encaminhar bem.

Um aspecto importante é ir-se preparando para pôr a criança na escola, com 6 anos. Sabemos que quando é pequenino custa muito aos pais separarem-se do seu filho, entregá-lo a outros, obrigá-lo a levantar-se cedo, cortar a liberdade que tem sido sua, desde que nasceu. Mas se realmente acha que é útil para o seu filho e filha irem à escola, então é bom para eles entrarem com a mesma idade dos outros meninos.

Se entrarem mais velhos, é natural que não se vão sentir muito bem. Com 10, 11 anos, um rapaz já é considerado pela família como um homenzinho, já acompanha o pai na venda, já é responsável pelas irmãs e pelos irmãos mais novos. Agora imagine esta criança numa sala de aula, com meninos e meninas muito mais pequenos, crianças que já estiveram, em muitos casos, no jardim de infância, que “aguentam” ficar sentadas muito tempo, que já sabem desenhar e pintar.

Nesta situação alguns não se sentem bem, têm por isso dificuldade em aprender e isto faz com que se sintam ainda pior.

Se os seus filhos têm esta idade e só agora resolveu ou conseguiu pô-los na escola, tem que ser assim mesmo. Os professores vão compreender a situação e ajudá-los. Mas se têm 6 anos, é muito melhor para eles irem já.



Reflectindo sobre o que é a escola para si

Para muitas famílias a escola é já conhecida. Alguns dos seus membros frequentaram-na, tiveram sucesso e sentiram-se bem. Alguns têm lá filhos ou sobrinhos, já a conhecem e portanto já se adaptaram a ela.

O que vamos dizer não é para esses. É para aqueles que se deram mal na escola, para aqueles que nunca andaram nela ou para os que já lá têm filhos e não estão contentes. Acreditem que se dizemos estas coisas é porque respeitamos muito o seu filho, mesmo sem o conhecer, e queremos que ele seja feliz como todos os meninos deste país.

De uma forma geral, o povo cigano viveu, até há pouco tempo, separado da restante sociedade. Separado, porque tinha outras ocupações, porque tinha outra forma de viver, porque queria manter-se unido e também porque os outros não o aceitavam.

Tradicionalmente, as relações que o grupo cigano mantinha com os não-ciganos eram só relações de comércio. Poucas vezes se viam os "outros" como pessoas, eram rostos sem nome de vendedores e





compradores. Para quem vendia os “outros” eram possíveis compradores, que era preciso convencer a comprar e, nesta operação, era necessário o maior cuidado para não se deixar enganar.

Por sua vez os não-ciganos viam os elementos deste grupo só como negociantes, e sentiam que precisavam de se defender deles. O seu comportamento de rejeição fazia com que as pessoas de etnia cigana os passassem a ver não só como compradores, mas como uma ameaça e isto provocou também atitudes de rejeição.

Embora haja sinais desta situação se estar a atenuar, o principal sentimento entre estes dois grupos é, ainda, a desconfiança mútua.

Quando uma pessoa pensa que a outra lhe quer fazer mal, arranja uma arma para se defender e fica numa atitude agressiva. Da mesma forma, quando dois grupos não têm confiança um no outro, o mais certo é cada um arranjar as armas que pode, para se defender dos ataques que pensa que podem vir do outro. Assim, as comunidades ciganas habituaram-se a viver no seu mundo e ter o menor contacto possível com o mundo dos outros. Mais do que isto: habituaram-se a estar sempre prontas para se defender, porque têm medo de ser atacadas.

Os serviços públicos — hospitais, escolas, repartições — sempre foram vistos por todos nós com desconfiança. Temos medo que não nos tratem bem na consulta, que não nos dêem as informações de que necessitamos, que não cuidem bem dos nossos filhos. Mas talvez para as pessoas de etnia cigana esta desconfiança seja mais acentuada, porque estes serviços são vistos como “serviços dos outros”, onde se vai só quando não pode deixar de ser e de que estamos sempre prontos a defender-nos, porque temos medo de ser atacados.

A escola tem sido sentida também desta maneira. É uma “escola dos outros”, com pessoal não-cigano, onde temos dúvidas que o nosso menino ou a nossa menina sejam bem cuidados.



Mas lembre-se que o que vai encontrar lá, quando os seus filhos a frequentarem, são pessoas que os querem receber e ensinar. Também para eles os seus filhos vão deixar de ser só uns “ciganitos” mas o Manel ou a Sónia, que são bonitos e espertos e que precisam de aprender a ler, a escrever e ser felizes.

Talvez encontre pessoas mais carinhosas que outras, talvez alguns professores tenham maior dificuldade em encontrar a forma de acolher estes meninos e ensiná-los, assim como há pessoas da sua etnia que têm maior dificuldade em aceitar os não-ciganos. Mas se eles estão lá, é para alguma coisa. E não é sensato estragar tudo, só porque tem medo que eles sejam maltratados.

Um primeiro passo, portanto, para preparar a ida dos seus filhos para a escola é tentar vê-la como um sítio onde há pessoas que podem vir a gostar muito dos seus filhos e que querem o bem deles.

A sua responsabilidade e a da escola perante a criança

Muito do que se disse atrás é já uma preparação sua e do seu filho para a entrada na escola.

Já conversámos também sobre as suas dificuldades e as suas preocupações.

Até aqui só os pais e a restante família eram responsáveis pela criança. Agora vai partilhar esta responsabilidade com a escola.

E, neste campo, muitas perguntas se põem aos pais:

- Qual a responsabilidade da família?
- Qual a responsabilidade da escola?
- Que colaboração pode existir entre os duas?



As famílias vivem esta situação de maneiras diferentes.

Há pais que “entregam” os filhos à escola para os educar e sentem que, a partir desse momento, a sua responsabilidade ficou mais pequena.

Outros, pelo contrário, têm dificuldade em deixar os filhos e filhas irem à escola, porque têm medo que eles percam os valores e as normas do seu grupo e da sua família.

Sem chegar a estas atitudes extremas, muitos têm dificuldade em distinguir as suas responsabilidades e a responsabilidade da escola.

Ora a família tem a responsabilidade de dar condições para que a criança viva, se desenvolva e seja feliz — alimentação, abrigo, amor, protecção contra os perigos, acompanhamento, normas de conduta.





A responsabilidade da escola é por aquilo que se passa dentro da escola — ensinar de forma a que a criança aprenda, fazer com que se sintam bem, se relacionem com os colegas, respeitem os professores, descubram o mundo e a vida, desenvolvam o seu sentido de responsabilidade, de ajuda aos outros, de honestidade. Deve também dar apoio especial às crianças cuja família não pode assumir as suas responsabilidades, quer directamente, quer encaminhando-a para instituições que a possam ajudar.

Assim, as famílias não podem decidir o que deve ser ensinado nem como deve ser ensinado, como deve ser organizada a sala de aula, como devem ser escolhidos os professores, como devem ser avaliados os alunos. Destes assuntos sabem os professores.

Mas podem dizer o que as crianças sentem, do que gostam e não gostam, podem ajudar o professor a conhecer melhor a criança ou a compreender que há situações que explicam algumas dificuldades que surgem na escola. Podem dar aos professores informações sobre a sua cultura e a sua comunidade. Destes assuntos sabem os pais. E podem também perguntar porque é que as coisas, na escola, se fazem duma determinada maneira.

Pelo seu lado, os professores não podem fazer nada sobre o que está a acontecer em casa, a não ser em casos muito graves de violação dos direitos da criança, nem pensar que têm mais interesse pela criança do que os pais. Mas podem esforçar-se para perceber o que se passa, para melhor ajudar a criança a aprender e a ser feliz na escola. E devem aceitar as observações dos pais para melhorar o seu trabalho e adaptá-lo àquela criança. O que é importante compreender é que não há um Joãozinho da escola e um Joãozinho de casa. O Joãozinho é só um. A família e a escola existem para o apoiar. Só em colaboração, e tendo muito claro qual é a responsabilidade duma e doutra, conseguirão o sucesso e o bem-estar a criança.



Fazendo a matrícula

Antes de se iniciarem as aulas, tem que fazer a matrícula.

Procure saber qual é a escola da sua área de residência. É aí que deve matricular os seus filhos ou as suas filhas.

Nenhuma matrícula pode ser recusada, nas escolas da sua área de residência, excepto quando a criança tem mais de 15 anos ou menos de 6 anos.

O que é preciso para a matrícula

As matrículas para o 1.º ano devem ser feitas desde o início de Janeiro até 15 de Junho do ano lectivo anterior. (Artigo 4.º alínea a) do DL n.º 109/00, de 11 de Maio).

Os documentos necessários para a matrícula são os seguintes:

- Cédula ou Bilhete de identidade da criança ou um certificado da Embaixada do país de origem da criança;
- Boletim de matrícula, que é gratuito, fornecido pela escola e aí deve ser preenchido;
- Boletim da saúde.





Convém notar que todas as crianças têm direito à instrução, mesmo que os seus documentos não estejam em dia.

Como se faz a matrícula

Vai-se à escola, com a cédula ou bilhete de identidade da criança e o boletim de saúde, e preenche-se o boletim que ali nos entregam. Se tiver dificuldade em preencher, a pessoa que o está a atender vai ajudá-lo.

Recolhendo informações sobre a escola

Mesmo antes de começarem as aulas, há muita coisa que pode saber sobre a escola. Isto vai ajudá-lo a tomar algumas decisões e a esclarecer a criança.

Por exemplo:

- *Assim que souber qual é a escola do seu filho ou da sua filha, já pode estudar o caminho diário que ele vai fazer. Se tem que apanhar transportes, por exemplo. Precisa de saber qual o horário que*





lhe convém. Se vai a pé, qual o caminho mais curto, mais cómodo e mais seguro, quanto tempo demora de casa à escola, quais os perigos que pode encontrar (passagens de nível, cruzamentos, assaltos). É verdade que, pelo menos nos primeiros tempos, a criança não deve ir sozinha. De qualquer forma, o pai e a mãe ou os familiares devem conhecer muito bem o seu percurso, para orientar e prevenir a criança e as pessoas que a vão acompanhar.

A matrícula é o primeiro contacto que tem com a escola.

É, portanto, ocasião para recolher alguma informação, ou saber quando é que a poderá ter:

Ponha todas as suas dúvidas à pessoa que o atender. Não é vergonha perguntar o que não se sabe. O que é mau é ficar com dúvidas sobre coisas importantes e que o preocupam.

- *Veja se é possível saber, logo neste contacto, o horário que o seu filho vai ter. Muitas vezes o horário varia de escola para escola. Pode ser horário normal, das 9 às 15h30, com intervalo para o almoço. Se a escola tem muitos meninos, pode haver necessidade de fazer dois turnos, um de manhã das 8 às 13h e outro de tarde, das 13 às 18h. Talvez só mais tarde possa vir a ter esta informação. Mas, se as coisas já estiverem definidas no momento da matrícula, será muito bom para planear a vida da criança e a sua.*

É natural que a questão da guarda da criança não seja muito difícil para si. Geralmente as famílias de etnia cigana têm alguém em casa que se pode ocupar das crianças.

Se assim não for:

- *Pergunte se a escola tem ATL, isto é, actividades de tempos livres que as crianças possam frequentar fora dos tempos escolares, ou se tem algum acordo com outra escola, onde existam estas actividades.*



- *Pergunte se a escola fornece refeições e qual o seu custo. A necessidade de almoçar na escola é maior se tiver horário normal e não tiver condições para ir almoçar a casa.*
- *Pergunte quando deve voltar à escola para saber mais informações; qual a turma em que está o seu filho, como se chama o professor, qual o horário do primeiro dia, que material deve levar, etc.*

Preparando o seu filho

Decidiu, portanto, pôr o seu filho na escola. Então quer, com certeza, que tudo corra bem: que se adapte, que se sinta feliz e que aprenda. Para que isto aconteça deve prepará-lo.

Não é fácil para qualquer criança sair da sua casa, do ambiente que tem tido à sua volta desde que nasceu, e entrar para a escola onde não estão as pessoas de quem gosta e onde tudo é diferente. Esta dificuldade é maior para as crianças que não frequentaram o jardim de infância. Mais difícil poderá ser para uma criança cigana, que vai encontrar coisas muito diferentes daquelas a que está habituada.

Tem tido sempre uma grande família à sua volta, agora não vai ter ninguém da família ao pé.

Tem convivido sobretudo com pessoas de etnia cigana, agora vai ter junto de si pessoas diferentes que a vão orientar e ajudar a fazer coisas que nunca fez.

Está habituada a ser livre, a fazer as suas experiências, a não ter constantemente alguém que lhe diga o que deve e o que não deve fazer; agora vai ter um estranho a mandar nela e a exigir que se comporte de determinada maneira.

Está habituada a brincar só com meninos de etnia cigana, agora vai ser companheira de outros meninos diferentes que talvez não o aceitem muito bem.



Porque tudo isto não é fácil, é necessário que os pais a vão preparando para a entrada na escola.

Três preocupações devem estar presentes, nesta preparação:

- Apresentar a escola como uma “coisa boa”;
- Procurar que a criança vá estabelecendo contactos com ela antes da sua entrada “a sério”;
- Compreender as dificuldades que sente e dar-lhe apoio para as resolver.

Talvez, para si, não seja fácil apresentar a escola como uma coisa boa, porque muitas vezes tem dúvidas que seja realmente boa para o seu filho. Quer dizer, acha que é uma coisa boa, porque se não achasse, não teria resolvido pôr lá o seu filho ou filha, mas tem medo que ele não seja bem tratado.

E como tem dúvidas, apetece-lhe preparar o seu filho para se defender. Mas deve lembrar-se que ele acredita de tal forma em si que dizer-lhe “se os outros meninos te baterem, bate-lhes também” é como dizer-lhe “os outros meninos são maus, querem-te bater, bate-lhes tu também”.

É evidente que os pais têm que estar atentos para proteger e defender os filhos, quando isto for necessário. Mas cultivar a sua desconfiança é impedi-lo de olhar para as pessoas da escola como possíveis amigos, conhecê-los como eles realmente são e mostrar-se como ele é. Em vez dum menino pronto a ser amigo de todos, pode tornar-se uma criança desconfiada e a desconfiança gera desconfiança.

Em princípio ninguém lhe vai fazer mal na escola, e se fizer, ele vai-lhe contar. Esteja atento e dê-lhe apoio neste momento. Ele precisa de saber que a família tem confiança na escola e pensa que tudo há-de correr bem.



Assim:

- *Nunca apresente a ida à escola como um local para onde irá de castigo “por se portar mal”;*
- *Comece, desde cedo, a falar com a criança sobre um sítio onde vai aprender a fazer coisas bonitas, aprender a ler, a escrever, a fazer contas, ter muitos amigos para brincar, ter uma professora que o vai ajudar a aprender;*
- *Mostre meninos do bairro a irem para a escola e se tem vizinhos com filhos que frequentam uma, fale com eles sobre ela, na presença dos seus filhos;*
- *Responda a todas as perguntas que a criança faça sobre a escola e, se não souber, pergunte a crianças que a frequentam ou informe-se por outra via;*
- *Se ele disser que não quer ir, diga-lhe simplesmente que sabe que é difícil, mas que quando for um pouco mais crescido, com certeza que há-de querer ir e vai gostar;*
- *Compre com ele os artigos escolares e procure que eles sejam bonitos (não é preciso que sejam caros);*
- *Prepare com ele a roupa para levar para a escola e, se puder, compre-lhe alguma coisa nova, para “ir bonito”;*

Quando tiver informações mais completas:

- *Diga-lhe como se chama a sua professora e como se chama a pessoa que está à porta a receber os meninos.*
- *Diga-lhe como vai ser o seu horário, se come ou não na escola, quem o vai levar e trazer, se tem actividades de tempos livres noutra sítio.*

E conte-lhe tudo o que for sabendo e pense que o vai ajudar a gostar da escola.



O PRIMEIRO DIA DE AULAS

Naturalmente que a criança está um pouco assustada e inquieta. De resto, os pais também. É por isto que é tão importante que, no primeiro dia de aulas, vá pela mão do pai, da mãe ou da pessoa que normalmente os substitui. A mão das pessoas que mais ama e a têm protegido dos perigos é uma espécie de ponte entre o mundo que conhece — a família — e o outro que ainda lhe é estranho — a escola.

A sua presença, no primeiro dia de aulas, é também necessária para tomar contacto com a escola. Vai ver a escola por dentro e começar a ligação com aqueles que o vão ajudar na educação do seu filho ao longo de todo o ano lectivo. E vai ficar em condições de esclarecer o seu filho sobre coisas que ele não perceba bem.

Muitas escolas preparam uma recepção para alunos e pais, outras recebem as crianças e cada um dos professores vai para a sala com os seus alunos.

Seja qual for a forma de acolhimento, procure saber:

- Quem é o **professor ou professora** do seu filho e como pode contactar com ele em caso de necessidade. Se puder, fale com ele. Todos os professores gostam de conhecer os pais e as famílias dos seus alunos. Estar ali, a acompanhar o seu filho, mostra ao professor que tem o maior interesse em seguir a vida escolar da criança. Se ainda tem dentro de si uma vozinha que lhe diz que precisa de proteger o seu filho, esta é, neste momento, a melhor forma de o fazer;
- Qual é e como é a sua **sala de aula**;
- Quem são os seus **colegas**;
- Como se chama a pessoa **que os recebe** e está com as crianças no recreio;



- Qual é o **calendário** para o ano lectivo (férias e interrupções);
- Qual a **lista de material** a comprar;
- Qual é o **dia e a hora** em que o professor **recebe os pais**;
- Qual é o **dia e a hora** da próxima **reunião de pais e encarregados de educação**. Se nunca lhe for possível, por razões de trabalho, estar livre nas horas do atendimento e da reunião de pais, combine com o professor outra forma de contacto;
- A que horas vai sair o seu filho nesse dia.

Mesmo que more perto, procure ir buscar o menino à escola pelo menos nos primeiros dias ou peça a alguém, de quem ele goste, para o fazer. Não se esqueça, nesse dia e nos outros, de conversar com ele ao fim do dia para saber as suas impressões e esclarecer as suas dúvidas. Mesmo que não entenda todas as matérias do programa escolar, a criança sentir-se-á apoiada e acompanhada pelo interesse que mostra.





COMO É A ESCOLA QUE O SEU FILHO VAI ENCONTRAR

Mesmo que não tenha andado na escola, a escola do seu filho é agora **a sua escola**.

Se a frequentou em tempos, talvez vá encontrar uma escola um pouco diferente. Quer esteja num caso ou noutro, é para que se sinta mais à vontade e compreenda o que for encontrando, que lhe vamos explicar como é a escola e o que lá se faz.

A comunidade educativa

Quando se pensa em escola pensa-se normalmente em professores e alunos.

Em vez disto, fala-se agora em “comunidade educativa”. O que é então uma comunidade educativa? **É um conjunto de pessoas que, numa escola, ajuda o seu filho a aprender e a sentir-se feliz.**

Vamos então falar nos vários grupos que formam a comunidade educativa e saber o que faz cada um deles:

Alunos

É o conjunto de crianças que estão na escola para aprender.

Neste conjunto há muitas diferenças:

Primeiro, as idades que variam entre os 6 anos e os 10, 11, 12. Há portanto meninos pequenos e meninos bastante maiores.



Depois, no 1.º ciclo, os alunos estão divididos pelo 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos, em turmas separadas e com professores diferentes.

Além disto, é natural que vá encontrar meninos de muitos grupos étnicos e culturais.

Talvez isto lhe pareça muito confuso. Sabemos que o desejo de muitos pais ciganos seria ter uma escola só para os seus filhos, de preferência com professores de etnia cigana. Mas isso não é possível nem achamos que seja bom.

A verdade é que, em todo o mundo, a população está cada vez mais “misturada”. A diferença entre a forma como se vive nos países pobres e nos países ricos é cada vez maior e as pessoas em todo o mundo conhecem esta diferença. Então, porque se precisa de resolver problemas graves e se quer fugir à fome, é natural que se emigre para países onde há mais riqueza. O povo cigano conhece bem a situação de passar de país para país, à procura de recursos e muitas vezes a fugir das perseguições.





Por estas razões, a escola de hoje, em Portugal, tem crianças cujos familiares vieram de muitos pontos do mundo: África, Brasil, países da Europa... Isto faz com que, na escola, haja meninos com costumes, língua e formas de vida muito diferentes. O seu filho vai encontrar na escola crianças do seu grupo de origem, e crianças dos mais variados grupos sociais e culturais.

Isto, por vezes, causa uma certa confusão aos pais e professores. Aos pais, porque têm medo que, no meio desta variedade, os seus filhos não sejam bem cuidados; aos professores, porque sentem que a escola se tem que organizar, para servir a todos e não só às crianças de origem portuguesa não-cigana.

Também a si, que talvez tenha tido os seus filhos longe do contacto com crianças diferentes, esta variedade pode causar preocupação.

É preciso, no entanto, pensarmos que o mundo do futuro vai ser um mundo em que todos vamos estar perto uns dos outros e que é bom para o nosso filho aprender a conviver com todos e ser amigo de alguns, não por serem do seu grupo, mas porque, como dizia a menina cigana, o conhecem e os conhece.

É entre os seus companheiros de escola que o seu filho vai escolher alguns dos seus amigos. Deixe-o escolher à vontade, estando atento ao que se vai passando. Este é um primeiro passo importante para treinar a sua autonomia. E se forem meninos de outros grupos étnicos, não se assuste. Ajude-o a construir um futuro em que todos podem ser amigos. E lembre-se que ele tem coisas muito bonitas, sobre a sua cultura, a transmitir a esses amigos.

Sabemos que algumas famílias de etnia cigana sofreram discriminações e injustiças. Isto talvez tenha sido, também para si, um peso muito grande. Mas trata-se da sua experiência e não da experiência dos seus filhos. E não parece justo pôr, nas suas pequeninas costas, o peso do seu ressentimento.



Professores

O professor é a figura mais importante, para o seu filho, na escola. É ele que lhe vai ensinar o que ele tem de aprender, o vai ajudar a integrar-se e a ser feliz na escola.

Para si, o professor é a sua ligação com a escola dos seus filhos. É através dele que vai saber como a criança aprende, o que vai conseguindo, as dificuldades que tem. O professor pode ser o seu aliado dentro da escola, para que o seu filho seja aí feliz e tenha sucesso.

Então vamos fazer com que ele realmente seja um aliado e um amigo.

Assim:

- *Procure o professor, diga-lhe que é a mãe ou o pai ou outro familiar encarregado da educação do menino e peça-lhe que tome conta dele. Isto em boa verdade não é preciso, porque mesmo que não lhe diga, ele toma conta à mesma, mas é uma forma de estabelecer relação com ele e também de ficar mais descansado;*
- *Peça-lhe que o informe se alguma coisa correr mal, dê-lhe o seu contacto, e pergunte onde e quando poderá falar-lhe, para receber e dar notícias sobre a adaptação da criança à escola;*
- *Se tiver alguma recomendação especial (sobre a saúde da criança, forma de ser, etc.), não hesite: é agora ocasião para o fazer;*
- *Neste contacto procure ir sozinho. O entendimento com o professor torna-se mais fácil e proveitoso.*

Não estranhe se o professor não estiver muito à vontade neste contacto. Mas saiba que, a partir deste momento, o seu filho deixará de ser, para ele, mais um ciganinho, para passar o ser o “Zézinho cuja mãe ou pai ou avó ou tio, etc. veio falar comigo”.



Convém, também, preparar o seu filho para se relacionar bem com o professor:

- *Diga-lhe que, na escola, o professor é a pessoa que substitui os mais velhos da família e, como tal, deve ser respeitado;*
- *Não diga mal do professor, pelo menos na presença dos seus filhos;*
- *Chame a atenção para as coisas boas que nele for encontrando “é bonito, é simpático, parece que gosta de ti...”*
- *Se a criança “fizer queixa do professor”, não tome imediatamente partido e tente perceber o que se está a passar. Pode acontecer que ele tenha razão. Mas pode acontecer também que não seja exactamente como ele diz. As crianças, às vezes, dizem coisas um pouco diferentes da realidade, para conseguirem aquilo que querem — “o professor tratou-me mal, não me quero levantar para ir à escola”. A reacção normal dos pais é “saltar” a defender os filhos. Mas lembre-se que tão mau é dar-lhe logo razão, como pôr-se imediatamente do lado do professor, que talvez não tenha sido justo. Se lhe parecer que a questão está a preocupar a criança, fale com o professor “a bem” para esclarecer a situação.*





Auxiliares de acção educativa

Os auxiliares de acção educativa são as pessoas que recebem os meninos e pais à entrada da escola. Estão presentes nos recreios, fazem com que a escola esteja limpa e arranjada, servem as refeições, colaboram na organização das festas, das visitas de estudo, etc.

Como trabalham fora da sala de aula e estão junto das crianças nos momentos em que elas estão mais à vontade, podem ter um papel educativo forte, podem comunicar aos professores aspectos que tenham importância e os ajudem a compreender melhor os meninos e o ambiente da escola.

São eles também que estão mais perto dos pais. Assim, é importante que os conheça e fale com eles, lhes peça para lhe dizerem se alguma coisa de anormal se passar com os seus filhos. Porque estão mais próximos, a relação com ele pode ser mais fácil e ser uma forma de começar uma relação com a escola.

Outros técnicos

Além dos professores e dos alunos há ainda na escola outros técnicos:

- **Psicólogos** — que ajudam os professores a compreenderem melhor o que meninos fazem, as suas dificuldades e dão apoio especial às crianças que precisam dele.
- **Técnicos de serviço social** — que ajudam os professores a compreender as dificuldades das famílias, ajudam as famílias a resolver os seus problemas em relação à escola e colaboram com os professores na adaptação e sucesso dos alunos. Estes psicólogos e técnicos de serviço social trabalham, em muitos casos, em várias escolas.



- **Monitores e animadores de várias actividades** — são pessoas que vão às escolas fazer com as crianças actividades como dança, pintura, capoeira, por exemplo. Neste grupo estão também os contadores de histórias.
- **Mediadores** — nalgumas escolas trabalham também mediadores, e até mediadores de etnia cigana. Ajudam os professores a compreender melhor os alunos e suas famílias e explicam aos pais e comunidade como é a escola.

Se na escola para onde foram os seus filhos existe um mediador cigano, entre em contacto com ele, para perguntar a razão de algumas coisas que não compreende e para lhe pedir que ajude os seus filhos na sua integração. Não se esqueça, no entanto, que o mais importante é ter uma boa relação com o professor. Falar com o mediador é bom, se fizer com que a relação com o professor seja melhor e mais forte. É mau se, por comodismo, falar só com o mediador.





Pais

Os pais fazem parte, por direito, da escola. Reconhece-se hoje que eles têm um papel muito importante na adaptação da criança e no seu sucesso escolar. Isto é verdade para todos, mas a necessidade da participação dos pais de grupos étnicos e culturais é ainda maior. Porque será assim?

Sabe-se hoje que o grupo étnico a que a pessoa pertence não faz com que a pessoa seja mais ou menos inteligente. Não é porque a criança é africana, europeia, ou chinesa que aprende com mais ou menos facilidade. O que acontece é que muitas crianças que pertencem a grupos étnicos, que não são o grupo dominante, têm mais dificuldades em se adaptar à escola que frequentam e em aproveitar as oportunidades que esta escola oferece: não falam ou falam com dificuldade a língua que se utiliza, estão habituadas a outras regras, têm dificuldade em se relacionar com colegas diferentes.

A escola deve dar as mesmas oportunidades a todas as crianças para aprenderem. Mas os professores foram formados para ensinar meninos portugueses não-ciganos. Habitaram-se a trabalhar com eles e têm dificuldade em compreender como são, como se comportam e como aprendem os outros meninos.

Ora são os pais que podem ajudar o professor e portanto a escola a criar **igualdade de oportunidades**.

O que é dentro duma escola a igualdade de oportunidades?

Às vezes pensa-se que é “tudo ser igual para todos”, mas, se reflectirmos um pouco, vemos que tudo ser igual é por vezes muito injusto.

Por exemplo: uma menina que só fala chinês não pode aprender numa escola portuguesa; esta menina, para ter oportunidade de aprender, precisa de aprender português. Uma outra



criança só come vegetais, porque a sua religião não lhe permite comer carne. Se as refeições na cantina são de carne e peixe, ela não tem oportunidade de se alimentar como os seus colegas e de estar, portanto, em condições de estudar. Quer dizer, para que todos os alunos tenham a mesma oportunidade de aprender, é preciso que a escola esteja organizada para dar condições diferentes aos vários grupos de alunos.

E são os pais que podem ajudar os professores a compreender melhor os seus alunos, a sua forma de viver, o que para eles é importante, as dificuldades que sentem, de maneira a encontrarem as formas de ensinar que levem aquele menino a aprender, a sentir-se feliz e a gostar da escola.

Por seu lado, os professores podem ajudar os pais, mesmo aqueles que nunca andaram na escola, a acompanhar os filhos nos trabalhos de casa e a criar condições para que eles possam estudar. Isto também vai contribuir para a igualdade de oportunidades de que falámos acima.

Além disso, os professores têm, diante de si, oportunidade de aprender muito. Se na sua turma há crianças com formas de vida diferente (às vezes numa sala de aula está quase o mundo inteiro) têm, portanto, perto de si, pessoas — os pais — que podem ensinar a toda a comunidade escolar muitas coisas deste mundo.

Isto passa-se com os pais ciganos que, na escola, podem ensinar aos outros — professores, restante pessoal e outros pais — como são, como vivem, quais os seus problemas e as suas alegrias.

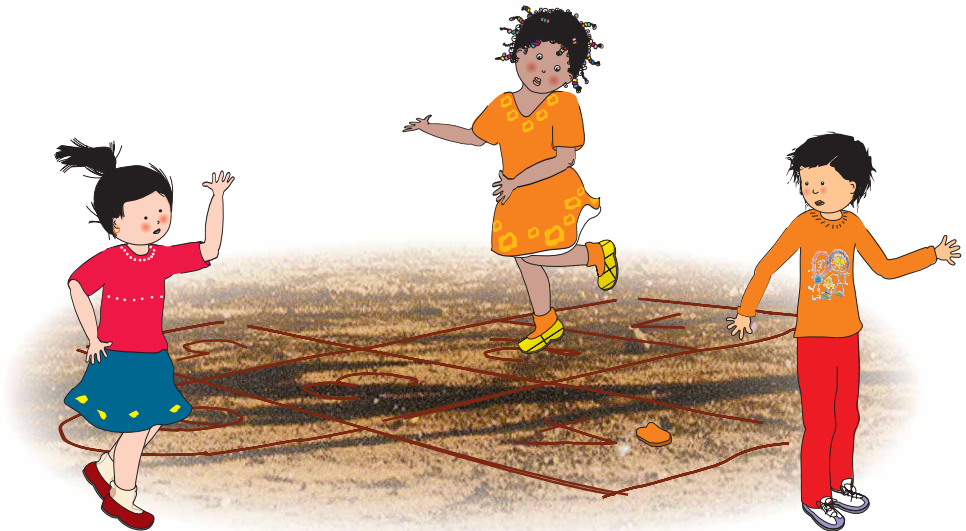
Só com a colaboração dos pais, a escola poderá criar a igualdade de oportunidades de que falamos, aproveitando, ao mesmo tempo, o que os pais sabem para educar as crianças como cidadãos do mundo.



A comunidade que está à volta da escola

Também a comunidade a que a escola pertence faz parte da comunidade educativa. São os serviços da Câmara, a Polícia de Segurança Pública, as Instituições Privadas de Solidariedade Social, as Associações, os Serviços de Saúde, as Igrejas, as empresas e muitas outras instituições, assim como todas as pessoas que se encontrem em condições de colaborar com a escola ou precisem de receber a sua colaboração.

A escola de hoje é uma escola aberta, que faz parte do meio onde os seus alunos habitam, uma escola que precisa de todos e que, dentro das suas possibilidades, deve estar disponível para todos. Através da escola dos seus filhos, as famílias de etnia cigana podem estar mais perto desta comunidade toda e encontrar formas de estabelecer uma maior ligação.





AS REGRAS DA ESCOLA

Para que as pessoas convivam umas com as outras é preciso que haja regras, quer dizer, estar definido o que se pode e o que não se pode fazer.

As regras não foram feitas para aborrecer os outros, nem apareceram porque aqueles que mandam se lembraram de as fazer, sem razão. São a maneira que se encontrou, ao longo dos tempos, para se viver o melhor possível em sociedade e aproveitar aquilo que esta nos oferece.

Também, na família e nas comunidades ciganas, há regras que ninguém pensa em contrariar. Talvez mudem um pouco com o tempo, mas todos estão de acordo que elas são necessárias.

A escola, como todas as instituições, tem as suas regras. Elas existem para que os meninos aprendam e a escola cumpra a sua missão.

Vamos então falar de algumas delas, para se perceber porque é que existem e porque devem ser respeitadas.

Horários

Há um horário que a escola marca para se começar a trabalhar e acabar de trabalhar, e dentro dele horas marcadas para as diferentes actividades (aulas, recreios, almoço, passeios, etc.).

Nós sabemos que os horários devem ser respeitados, mas, por vezes, temos a tentação de não o fazer. Sabemos, por exemplo, que a criança deve estar na escola às 9 horas: mas ela está a



dormir tão bem, faz tanto frio ou chuva que não temos coragem para a acordar. O que acontece então? O menino chega à escola às 10 horas. Das 9 às 10 o professor esteve a ensinar coisas e os outros meninos estiveram a aprender. O que chega atrasado não pôde aprender o que os outros aprenderam. O professor não pode parar tudo, quando chegam crianças atrasadas, e começar do princípio. Então, aquela criança não percebe o que se está a passar; distrai-se, interrompe os outros, faz confusão e o professor ralha com ela. Fica um dia de escola estragado.

Imagine que isto acontece várias vezes. É natural que a criança tenha cada vez mais dificuldade em aprender o que é ensinado.

Faltas

Pior é ainda o caso das crianças que faltam à escola. O que se perde num dia de aulas é muito e a criança vai ficando de fora de tudo o que é ensinado, os acontecimentos importantes, as brincadeiras com colegas e amigos. A criança começa a sentir-se isolada, sente-se mal e tem cada vez menos vontade de ir à escola. Ninguém quer ver um filho nesta situação, não é?

Uma criança que chega atrasada (ou falta) é um incómodo, mesmo um prejuízo para os outros colegas e professores e sobretudo para ela própria. Cada um que não está presente faz falta. Mas é sobretudo um prejuízo grave para esta criança que, às vezes, pode comprometer toda a sua vida escolar.

É importante também que o seu filho tenha sempre o material que é pedido e o leve todos os dias para a escola. Se não trouxe para aqui o caderno, os livros, por exemplo, não pode trabalhar como os outros e fica prejudicado.



A disciplina na sala de aula

Na escola há espaço onde todos podem ir e espaços que, durante um tempo, são só para determinadas pessoas. Cada sala de aula, por exemplo, é só para um grupo de alunos.

Estas salas podem ser abertas às famílias, quando o professor der licença. É bom que vá à sala do seu filho. Mas, se há um grande movimento de pessoas a entrar e a sair, os alunos distraem-se e o professor é interrompido. Isto pode não ser bom para a aprendizagem do seu filho. O facto de os pais não poderem entrar, em qualquer momento, na sala dos filhos, não quer dizer que, dentro dela, se passem coisas que os professores não queiram que as famílias vejam. Só quer dizer que o trabalho que todos, professor e alunos, estão a fazer é muito importante e não deve ser interrompido de qualquer maneira. Também quando estamos no nosso trabalho, na venda por exemplo, não podemos estar sempre a ser interrompidos. Corremos o risco de nos roubarem a mercadoria, de nos enganarmos nas contas ou de deixar passar um possível cliente.

É na sala de aula que o seu filho vai passar uma grande parte do tempo em que está na escola. É aí que ele vai aprender, estabelecer relações fortes com os colegas, fazer amigos, ligar-se ao professor e confiar nele.

O que se passa então na sala da aula?

É o professor que tem a responsabilidade de fazer com que os meninos aprendam. Assim, ensina, explica, põe as crianças a pensar e a fazer trabalhos, orienta os trabalhos de grupo, avalia se estão a aprender bem ou não. É na sala de aula que tudo isto se passa e para que as crianças realmente aprendam é preciso, como já dissemos atrás, ordem e sossego. É preciso, portanto, que haja regras.



O seu menino teve até aqui muita liberdade em casa. Isso foi bom para o seu desenvolvimento. Aprendeu a descobrir o mundo que está à sua volta, pode fazer as suas experiências à vontade e ganhou confiança em si, sem ter sempre ao lado adultos a dizerem-lhe o que deve e o que não deve fazer.

É difícil a todas as crianças habituarem-se à disciplina da sala de aula.

Para os seus filhos e outros meninos de etnia cigana talvez seja ainda mais difícil. Mas se eles perceberem porque é que as coisas são assim, talvez se sintam melhor e façam os esforços que são necessários para se irem habituando a esta disciplina. E ninguém melhor que as famílias para lhes explicar, porque são as pessoas em que eles têm mais confiança.

O que se passa quando os meninos estão na sala de aula? Às vezes pensa-se que é só o professor a falar, os meninos a ouvir e a fazerem o que o professor manda fazer. E não é assim.





Os alunos, além de aprenderem as matérias, aprendem também a estudar, a descobrir, a investigar. Ouvir, fixar e repetir o que o professor disse não chega para preparar uma criança e um jovem para a sociedade de hoje.

Por outro lado os alunos aprendem uns com os outros. Numa turma há sempre uns que sabem mais de um assunto e outros de outro. No caso, por exemplo, da aprendizagem da língua portuguesa, os meninos, que aprenderam a falar, podem ajudar os que têm dificuldades. Estes, por sua vez, se souberem bem matemática, podem ajudar os que têm dificuldades nesta matéria. Isso quer dizer que o trabalho em grupo é muito importante e é por isso que encontra, muitas vezes, na sala do seu filho, pequenos grupos que falam, debatem, e aprendem uns com os outros.

Assim, as crianças, trabalhando em grupo, aprendem as matérias, mas aprendem também outras coisas muito importantes: descobrem que o trabalho feito em conjunto é muito mais rico, vão aprender a ajudar e a ser ajudadas, vão vendo que há pessoas que pensam duma maneira diferente da sua e podem, às vezes, ter razão. Isto é aprender a cooperar. Esta aprendizagem vai prepará-las para cooperar com os outros, quando forem crescidas.

O que se aprende no 1.º ciclo

Muitas vezes pensa-se que, quando a criança vai para a escola, vai aprender a ler, escrever e contar. Isto é verdade e estas coisas são muito importantes. Convém, no entanto, saber que aprender é uma coisa lenta. Não se aprende a ler dum momento para o outro, nem sequer a escrever e mesmo a distinguir as letras todas. De dia para dia, a criança aprende pequeninas coisas que todas juntas vão levar a que saiba ler, escrever e contar.

Há na escola muitas coisas que os meninos vão aprender. Porque é impossível falarmos de todas, vamos só dizer algumas que nos parecem mais importantes.



Assim:

Na área de **Língua Portuguesa:**

- a falar com os outros, em diferentes situações, de forma a que eles entendam e a compreender e fixar o que é dito;
- a escrever e a perceber o que lêem;
- a ganhar gosto pela escrita e pela leitura.

Na área de **Matemática:**

- a contar;
- a aplicar as operações aritméticas (somar, subtrair, multiplicar e dividir) na resolução de problemas do dia-a-dia.

Na área de **Expressões Físico-Motoras:**

- a fazer jogos e exercícios que correspondam à sua necessidade de correr, saltar, jogar;
- a desenvolver a coordenação de movimentos, o equilíbrio, o ritmo;
- a integrar-se em equipas;
- a competir de forma sã com os outros.

Na área de **Educação Musical:**

- a acompanhar a música com movimentos do corpo, com gestos, dançar;
- a usar a voz para experimentar sons, dizer lenga-lengas, cantar canções;
- a usar e construir instrumentos musicais simples.



Na área de **Educação Plástica:**

- a desenhar;
- a pintar;
- a fazer recortes, colagens e dobragens;
- a estampar;
- a tecer e bordar com pontos simples;
- a utilizar a máquina fotográfica.

Na área de **Estudo do Meio:**

- a conhecer-se a si próprio — o seu corpo, o seu passado, as suas tradições;
- a conhecer o meio que está à sua volta,
- a descobrir os outros e as instituições (a família, a escola, os serviços da comunidade, o passado da comunidade);
- a descobrir o ambiente natural (seres vivos, solo, rochas, oceanos, rios, astros);
- a fazer experiências (com água, ar, luz, som, electricidade);
- a usar objectos (tesoura, martelo, gravador, bússola, por vezes computador);
- a descobrir as relações entra a natureza e a sociedade (agricultura e criação de gado, exploração das florestas, pesca, indústria, turismo e construções).





O estudo em casa

Às vezes as crianças levam tarefas para fazer em casa — trabalhos ou coisas para estudar.

É a forma de fazer com que as crianças se habituem a trabalhar sozinhas, a terem responsabilidades, a dividir o seu tempo — agora brinco, agora faço os trabalhos. É ainda a forma das famílias participarem na vida escolar dos filhos.

Assim, ao ver os trabalhos dos filhos, os pais que sabem ler podem:

- saber o que o filho está a aprender neste momento;
- os progressos que faz e elogiá-lo por isso;
- ver as dificuldades que tem e ajudá-lo no que for preciso;
- sentirem-se mais próximos dos filhos;
- conversar sobre a escola e sobre as alegrias e tristezas da criança na escola.

Os pais, que não sabem ler, podem também perguntar ao filho se a professora passou trabalhos para fazer em casa, criar condições para que ele os faça, ver se ele os faz e elogiá-lo por aquilo que fez.

Se vir que é necessário, pergunte à professora se passa trabalhos para fazer em casa e se a criança os faz.

Todas as famílias, quer saibam ler ou não, devem procurar ter um cantinho na sua casa onde o filho possa estudar com algum sossego.



Avaliação

Para saber se a criança aprendeu, há provas e exames. Mas mais importante do que ver onde chegou, é importante ir vendo os progressos que vai fazendo, onde tem maiores dificuldades e o que professores, criança e família podem fazer para aumentar este progresso. A isto chama-se avaliação contínua.

Enquanto que dantes se dava uma maior atenção “ao que a criança não sabia”, hoje procura-se ver quais são os avanços que faz, o que vai conseguindo e o que o professor e o aluno podem fazer para aumentar o sucesso.

Todas as crianças devem ter sucesso. Parta portanto do princípio que é isto que vai acontecer ao seu filho.

Mas todos os meninos têm dificuldades que aparecem por várias razões, como, por exemplo, não se estarem a adaptar bem à escola. E as crianças têm também, como todos nós, os seus períodos bons e os seus períodos maus.

Então:

- *Vá fazendo, com o professor, a sua avaliação do progresso dos seus filhos — se eles estão interessados na escola, se estão a aprender, se fazem os trabalhos, onde têm as maiores dificuldades, o que pode fazer para corrigir ou melhorar alguns aspectos.*
- *Se houver coisas que não correm bem, tente ajudá-los mas não faça disso um drama. Não os desvalorize, mas, pelo contrário, diga-lhes o que eles têm de bom e que tem a certeza de que vão ser capazes.*
- *Se no entanto as crianças apresentarem dificuldades graves, o professor vai fazer um plano especial de recuperação que discute com os pais. O professor vai, certamente, pedir-lhe ajuda para perceber melhor o que se passa e o que deve fazer.*



Ajudas especiais

Há crianças que têm problemas especiais, que fazem com que aprendam com maior dificuldade — ouvem ou vêem mal, têm dificuldades de fala, aprendem mais devagar. Algumas destas dificuldades passam despercebidas e a única coisa que se nota é que o menino não aprende.

Se nota que o seu filho tem alguma coisa diferente dos irmãos ou dos meninos que estão à sua volta, peça ao professor para pedir que lhe façam um exame mais atento.

Algumas destas crianças têm necessidade duma atenção maior. Por isto, nas escolas têm professores de ensino especial, que os poderão ensinar de maneira mais adequada.





Contacto com os pais

Como já dissemos, o contacto com os pais é muito importante, para a adaptação da criança à escola e para o seu sucesso.

Para uma parte de nós, pais, não é fácil contactar com o professor dos nossos filhos. Ele pertence a um mundo diferente, temos medo que não nos aceite, temos vergonha de não ter frequentado a escola ou de saber pouco, de não entender o que ele nos diz... Para algumas famílias de etnia cigana também pode ser difícil. Todos os receios de que falámos atrás podem vir ao de cima. Talvez ajude pensar que os seus filhos não estão também a viver uma situação fácil e estão a enfrentá-la como uns valentes.

Sempre que um pai tenha uma preocupação ou necessidade urgente de falar com um professor, deve fazê-lo. Pode escrever um recado na sua caderneta, ou telefonar ou ir à escola.

A escola sabe também que é preciso um contacto permanente com as famílias, para que a criança seja bem cuidada e todos estejam informados do que se vai passando. Existem assim:

O atendimento aos pais e encarregados de educação

Todos os professores marcam um dia e uma hora por semana em que estão disponíveis para falar com os pais. Nestes encontros, os pais e os professores trocam informações acerca do comportamento e aproveitamento das crianças, procuram compreender o que se está a passar e encontrar o que uns e outros podem fazer para que tudo corra bem.

Se nunca puder, por razões de trabalho, contactar com o professor no dia e hora de atendimento, fale com ele e tente mudar a data e a hora. No caso de ser impossível, pergunte como o poderá contactar em caso de necessidade, e deixe-lhe, também, o seu contacto.

No atendimento, muitas vezes, os professores estão tão preocupados com algumas coisas que correm menos bem, que só conseguem falar



nelas. Lembre-se que, para orientar os seus filhos, precisa de saber o que se passa, o seu comportamento, as suas dificuldades e o que vai conseguindo. Por isso, nunca saia dum encontro com o professor sem saber não só o que se passa de menos bem, como aquilo que é bom e se está melhorando ou piorando.

Diga ao professor as coisas que lhe parecem importantes sobre a criança, como ela se sente, o que conta da escola, e qualquer acontecimento que a possa estar a preocupar, sem esquecer que a criança e família têm direito à sua intimidade e só deve ser dito aquilo que realmente é preciso.

Ensine ao professor aqueles aspectos da sua vida e cultura que sejam importantes, para ele compreender melhor o seu filho e as outras crianças de etnia cigana.

Qualquer dúvida que tiver, coloque-a ao professor. Ele vai gostar de o esclarecer e apreciar o seu interesse.

Sempre que falar com o professor, conte aos seus filhos o que se passou ou procure que eles estejam presentes nesta conversa. É sobre eles e sobre a sua vida que estão a falar e eles têm o direito de saber o que é dito. É importante para eles verem que a família e o professor se uniram para os ajudar e não ter a impressão que estão unidos contra eles.

Reuniões de pais encarregados de educação

As reuniões de pais são reuniões com os professores, em que estes explicam como está organizada a escola, o que estão a fazer, o que pensam fazer, os problemas que têm, como estão as crianças, o que têm aprendido e o que os pais podem fazer para ajudar a escola a servir melhor os seus filhos. Por seu lado, os pais dizem aos professores como as crianças estão em casa, o que dizem da escola, os problemas que sentem e o que podem fazer para a ajudar na escola. Nestas reuniões, pais e professores debatem como podem tornar a escola ainda melhor e decidem o que fazer para isso.



Pode haver reuniões gerais com todos os pais e professores, para tratar de assuntos que dizem respeito a toda a escola. Podem ser reuniões de turma, só com o professor do seu filho e os pais de todos os meninos que estão na mesma sala.

Sejam gerais ou de turma, as reuniões com os professores e os pais são sempre muito importantes para todos. Para os pais, porque ficam a conhecer melhor o mundo em que a criança passa grande parte dos seus dias e podem explicar como é o mundo em que vive a criança. Para os professores, porque têm oportunidade de conhecer aquilo que rodeia os meninos fora da escola, o que eles dizem daquilo que estão a viver aí e encontrar formas de orientar o ensino e tornar o acolhimento às crianças ainda melhor.

As reuniões, não só de cada um dos pais com os professores, são uma ocasião de encontro entre todos os pais duma escola, quer se trate de reuniões gerais ou duma turma. São uma ocasião em que os pais se encontram entre si, podem contar uns aos outros as suas experiências e dificuldades e podem receber e dar ajuda. Se os pais de uma escola ou mesmo de uma turma se unissem para, com os professores, tornar a escola melhor, os seus filhos teriam muito mais sucesso e iriam sentir-se muito mais felizes.





Além de tudo isto que já é muito, as reuniões de pais são uma ocasião, talvez única, de ter voz numa sociedade. Vamos reflectir um pouco sobre isto e tomar como exemplo as comunidades ciganas. Em que ocasião sentem que podem estar unidos a outros para mudar qualquer coisa, na sociedade em que vivem? Não parece que haja muitas. Nos serviços administrativos a que recorrem, não podem mudar nada; as regras existem e têm que ser cumpridas. Nos centros de saúde ou hospitalares também não. Às vezes, elementos destas comunidades trabalham por conta de outro e aí talvez possam ter voz para mudar alguma coisa... mas pouco e normalmente só com o seu esforço.

Parece-nos que é nas escolas dos filhos que muitos pais e mães têm a oportunidade de dizer o que pensam, de dar sugestões, colaborando assim para que o que não é bom mude e o que é bom seja ainda melhor. É, para eles, dos poucos serviços, se não o único, em que isto é possível.

As reuniões de pais são também ocasião para se treinar a estar com os outros pais em pé de igualdade, a trabalhar em conjunto com pessoas de várias origens, várias classes sociais, descobrir que, para além de poder aprender, têm muitas coisas para ensinar. Estas experiências podem ajudá-los a sentir-se mais seguros junto de pessoas diferentes, a ver que os "outros" também têm os seus problemas. Isto vai dar-lhes segurança e vão ser, então, mais capazes de transmitir esta segurança aos seus filhos.

Então:

- *Faça o possível para ir às reuniões de pais e encarregados de educação quando for convocado. Se não puder ir, no dia e hora marcados, contacte com o professor e coloque-lhe a sua dificuldade. Se nunca puder ir nesse dia ou hora, diga que tem esse problema e quais as suas possibilidades. Lembre-se que tem o direito e o dever de estar presente nas reuniões e que elas devem ser marcadas de acordo com a disponibilidade dos pais. Nem sempre é pos-*



sível marcar reuniões em dia e hora que convenham a todos. Mas não se podem marcar reuniões em dias e horas em que a maior parte dos pais não pode ir. Os dias e horas das reuniões devem ser negociados com todos, em reunião. Por isso, mesmo que lhe cause muito transtorno, tente ir à primeira, e aí, junto com os professores e outros pais, discutir calmamente a questão.

- *Ninguém conhece melhor o seu filho e ninguém gosta tanto dele como os seus pais. Neste campo cada pai é um especialista. Assim, participe nas reuniões pondo as suas dúvidas, as suas opiniões, aquilo que o preocupa. Fale calmamente, com intervenções simples em que se sinta seguro. Se tiver necessidade disso, dirija-se às pessoas que lhe dão mais confiança.*
- *Em princípio, as reuniões são para tratar de assuntos gerais que dizem respeito a toda a escola. Se quiser alguma informação sobre os seus filhos, ponha a sua dúvida ao professor em particular, no fim da reunião. Se o professor focar algum assunto directamente relacionado com o seu filho, diga simplesmente que no fim da reunião falará com ele.*
- *Ouça com atenção o que o professor e as outras pessoas dizem. Se não perceber alguma coisa, peça para repetir. Lembre-se que, se calhar, os outros não percebem também algumas coisas que diz. Isto não quer dizer que uns sejam mais inteligentes que os outros, mas que cada um tem uma maneira própria de falar. E, às vezes, os professores falam da maneira como se fala nas escolas, que não é exactamente igual à maneira como se fala nas nossas casas, em família.*
- *Embora tenha uma vida muito ocupada, se houver um pedido de colaboração para ajudar na escola, faça o possível para aceitar. Já dissemos atrás que todos têm muito a aprender consigo. Só os pais e mães ciganos podem ensinar à escola tudo que há de bom e bonito na cultura cigana.*



Associações de pais e encarregados de educação

Estas associações, que se podem formar em todas as escolas, têm uma direcção (pais eleitos pelos outros pais) que participam em decisões importantes para a escola. Nas reuniões com os professores e outros elementos da comunidade educativa, podem tomar-se iniciativas como a realização de festas, organização de actividades, ocupação de tempos livres e fazer a ligação entre os professores e outros pais.

Geralmente os pais ciganos não participam na Associação de pais.

Muitos pensam que não são aceites e, portanto, não vão às reuniões. Pensam por vezes, também, que há pais mais instruídos que podem desempenhar melhor o seu papel. Assim, a voz das pessoas de etnia cigana não se faz ouvir e a escola continua a ser dirigida por pessoas que conhecem mal as comunidades ciganas. Continua a ser, portanto, pensada para os meninos não-ciganos e não para os seus filhos.

Sabemos que é difícil romper as barreiras que existem de um lado e do outro. Mas continuamos a pensar que a integração, sucesso e bem-estar das crianças de etnia cigana dependem do envolvimento dos seus pais na escola, e que este envolvimento é mais fácil, se houver pais de etnia cigana nas associações.

Assim:

- *Procure participar activamente nas reuniões e assembleias de pais e encarregados de educação.*
- *Quando houver eleições lembre a todos a necessidade de, na direcção, estarem representados os pais de todos os grupos culturais que existem na escola.*
- *E, se for eleito, aceite a responsabilidade para bem dos seus filhos e de toda a escola como um todo, como uma grande família.*



CONCLUSÃO

Tentámos, ao longo deste livrinho, estar perto de si, reconhecer as dificuldades que está a sentir, dar-lhe algumas sugestões para o acompanhamento dos seus filhos e explicar-lhe como é a escola e o que nela pode fazer.

É possível que algumas coisas o choquem e ache que não as pode ou não as quer fazer. Queremos estar perto de si, mas muitas das suas dificuldades não são as nossas e, apesar do esforço que podemos fazer, estamos de fora e é de fora que falamos consigo. Nunca experimentámos o que é ser cigano, nunca sentimos na pele muitas das dificuldades e alegrias que as pessoas de etnia cigana sentem.

Mas, apesar das diferenças, todos nós, ciganos e não-ciganos, somos pessoas, vivemos na mesma sociedade e, sobretudo, gostamos muito dos nossos filhos e queremos o melhor para eles.

Acima de tudo acreditamos que se as famílias e escola vencerem as barreiras da desconfiança, vão certamente encontrar a forma de instruir e educar estas crianças, para que aprendam, encontrem o seu lugar nesta sociedade, guardem o que há de bom na sua cultura, saibam transmiti-lo aos outros e recebam, também, o que de bom os outros têm para dar.

Este é um primeiro passo na vida escolar do seu filho. Muitos se hão-de seguir, nesta escola e noutras escolas. Vai ser uma caminho difícil, mas se o apoiar, vai ser um caminho feliz.

